

construa uma história e RECEBA AMOR

Pessoas abrem a casa e o coração para receber temporariamente crianças que estão afastadas dos pais. Conheça o trabalho do Instituto Fazendo História, uma das instituições que participa do projeto Famílias Acolhedoras Por Ana Sniesko

Pare por alguns minutos e pense na sua própria história. Lembra quando nasceu o seu primeiro dente? Ou quem sabe a primeira garfada com a independência do alto dos seus dois anos de idade: será que era batata cozida ou cenoura? Se você tem alguma lembrança de um fato da infância como esse, provavelmente alguém te contou.

Com raras exceções, é bem difícil termos lembranças concretas de episódios que se passaram nos primeiros anos de vida. Mas se alguém relatou que o seu mordedor era um coelho azul que fazia barulho enquanto era mastigado, a sua mãe (ou quem sabe o pai, a avó, uma tia...) registrou esse momento e resgatou anos depois.

Parece distante, mas muitas crianças podem ser privadas desse momento em família. E os motivos são os mais variados – uma situação de rua, casos de alcoolismo, negligência ou violência doméstica. Se há alguns anos essa criança era encaminhada para um orfanato, hoje existe um movimento pela não institucionalização de bebês e adolescentes. “O acolhimento é uma medi-

da de proteção prevista pelo Estatuto da Criança e do Adolescente quando foram ameaçados ou violados”, explica Sara Maria Luvisotto, assistente social do serviço de acolhimento familiar do Instituto Fazendo História (SP).


Em São Paulo, o Instituto trabalha em parceria com a Vara Central de São Paulo e o CREAS Sé (Centro de Referência Especializados da Assistência Social). “Na modalidade de acolhimento Famílias Acolhedoras, crianças e adolescentes são encaminhados para famílias devidamente cadastradas, selecionadas e formadas para esta função. As famílias acolhedoras recebem em suas casas as crianças que precisam de acolhimento temporário e provisório, até que possam retornar para suas famílias de origem ou, quando isso não é possível, encaminhadas para adoção”, esclarece Tatiana Barile, psicóloga do projeto.

Impacto no desenvolvimento

Estudos realizados na Romênia dão conta de que crianças destinadas a abrigos apresentam problemas relacionados ao desenvolvimento e à

cognição. Desenvolvida em 2009 pelo *Bucarest Project*, o estudo aponta que crianças que viviam em grandes instituições sofriam um atraso no desenvolvimento motor equivalente a um terço do que é esperado para sua idade (para cada ano institucionalizada, a criança perde o equivalente a 4 meses do seu desenvolvimento).

O mesmo estudo mostra que os pequenos institucionalizados estão mais propensos a sofrer com prejuízos nos processos de socialização e desenvolvimento emocional, a apresentar transtornos comportamentais, transtorno de hiperatividade e comportamento semelhante ao Transtorno do Espectro Autista. ▶



Ser uma família acolhedora NÃO É UM MEIO PARA ADOÇÃO. O objetivo principal é que essa CRIANÇA volte para o seu LAR DE ORIGEM



VOCÊ SABIA?
315 municípios
brasileiros contam
com o projeto
de famílias
acolhedoras

vida em família

“A pesquisa mostra que as crianças que foram para instituições ainda bebês sofreram danos ainda maiores no seu desenvolvimento”, explica Tatiana. Essa é uma das razões pelas quais o instituto se debruçou sobre o problema de bebês na faixa entre zero e três anos de idade.

“Aqui no Instituto, o Famílias Acolhedoras foi idealizado para acolher bebês. Os primeiros anos de vida são etapa fundamental no desenvolvimento da criança. Garantir a permanência desses pequenos em um ambiente familiar tem se mostrado uma estratégia mais eficaz para o bem cuidar do que as instituições”, complementa Tatiana.

De onde vem tanto amor?

Vera Frederico e Camila Frederico são mãe e filha. Elas vivem juntas em São Paulo e um bebê em casa não era um plano muito próximo. “Nunca quis ser mãe”, diz Camila. Mas sobrava um bocado de amor, que precisava ser distribuído de alguma maneira.

Como jornalista, Vera ajudou a escrever um guia sobre o assunto no passado. Enquanto navegava pelas redes sociais, Camila, para quem o tema não era distante, viu uma postagem sobre as Famílias Acolhedoras e resolveu conhecer o projeto. “A princípio, pensamos em apadrinhar uma criança, mas chegamos até o projeto e nos perguntamos: por que não?”, conta.

CANDIDATOS
passam por SETE
SEMANAS DE
TREINAMENTO
antes de receber o
aval do projeto



No país, 315 municípios têm algum projeto de famílias acolhedora, segundo o CENSO 2014. A UNICEF criou uma campanha mundial chamada Fale por mim, que visa a não institucionalização de crianças e jovens de até 18 anos

Assim como os demais candidatos à família acolhedora, Vera e Camila atenderam aos pré-requisitos e passaram pelo curso de preparação orientado pelo instituto. “São sete semanas durante as quais muitas questões são discutidas, junto com as outras famílias do projeto. Entendemos a importância do respeito a história da criança, o não-julgamento e o respeito ao sigilo”, explica Vera. Quando o bebê chega, não se sabe qual é o motivo pelo qual ele está ali, quanto tempo o acolhimento vai durar e se ele será encaminhado para adoção ou voltará para a família.

Segundo as regras do Estatuto da Criança e do Adolescente, o acolhimento pode durar até dois anos e o objetivo é que a criança volte para a família após esse período. O encaminhamento para adoção só acontece depois de esgotar todas as possibilidades.

Experiência enriquecedora

Vera e Camila estão no segundo acolhimento. A primeira criança chegou no ano passado e movimentou a vida das duas por alguns meses. “Eles trazem vida para a casa”, contam. O pequeno voltou para os braços da mãe, e o que

ficou foi a saudade. “A gente vive um luto grande com a despedida, mas ele é proporcional ao amor que a gente recebe”, conta Vera. Para segurar a barra da separação, que já era esperada, elas contaram com o apoio das psicólogas do projeto, que deram todo o suporte para que a fase fosse superada.

Um novo bebê está temporariamente na casa das Frederico. Ele chegou alguns dias antes de completar um mês e, hoje, mamadeira e algumas noites sem dormir fazem parte da rotina das duas. “Esse é um amor incondicional. Quando você tem um filho, cria toda uma expectativa do que esperar para o futuro dele – o que ele vai estudar, o que vai fazer da vida, com quem vai casar. Nesse caso, não. A gente só quer que ele seja feliz”, desabafa Vera.

Novo olhar

Camila acredita que o acolhimento permite uma experiência que ela não viveria por conta das suas escolhas. É uma forma de extravasar um sentimento de maternagem, na qual toda a comunidade é beneficiada. “Na nossa família tem muito amor e esse trabalho social é uma forma de distribuir esse sentimento”, completa.

Como ajudar?

O Instituto Fazendo História é mantido por doações de pessoas físicas e jurídicas que entendem que essa é uma missão da comunidade. Para colaborar com a instituição, acesse o site e conheça todos os projetos.
fazendohistoria.org.br

SEJA UMA FAMÍLIA ACOLHEDORA

Conheça quais são os pré-requisitos para se candidatar ao projeto. As inscrições estão abertas.

- * Homens e mulheres maiores de 25 anos, com rede de apoio familiar, que não estão no cadastro nacional para adoção.
- * Ter a concordância dos outros membros da família na participação.
- * Ser morador da cidade onde fica a sede do projeto escolhido.
- * Não ter antecedentes criminais, comprometimento psiquiátrico e dependência alcoólica ou de substâncias psicoativas.
- * Ter disponibilidade de tempo, tanto para os cuidados com a criança, bem como para as demandas de acompanhamento do projeto, como reuniões e outros encontros.
- * Comprometer-se em exercer a função de proteção até o encaminhamento do bebê.
- * Apresentar documentação solicitada.
- * Passar por formação, seleção e entrevista com os responsáveis. ●



Vera e Camila Frederico em uma pausa nos cuidados do pequeno.

Foto: Fernando Torres